

IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PROTESTANTISMO NA PARAÍBA NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX

IMPLANTATION AND DEVELOPMENT OF PROTESTANTISM IN PARAÍBA IN THE LATE 19TH AND EARLY 20TH CENTURIES

*DANIEL DA SILVA FIRINO*¹

*CARLOS ANDRÉ MACEDO CAVALCANTI*²

RESUMO

O artigo faz uma revisão histórica da conflituosa implantação do protestantismo na Paraíba, no final do século XIX e início do XX. Com a abertura dos portos em 1808 e os acordos firmados entre a Coroa Portuguesa e a Inglaterra, houve a possibilidade de estabelecimento contínuo de protestantes no Brasil. Na Paraíba, não foi diferente do restante do país, sendo relatada a presença de protestantes ilustres no estado, como José Bates (1825) e Perish Kidder (1839). No entanto, a implantação duradoura de uma igreja protestante na Paraíba só ocorreu em 1878, por meio de um trabalho missionário. A implantação e desenvolvimento da igreja protestante no estado não foram tranquilos, tendo enfrentado perseguições em diversos lugares, desde apelidos até assassinatos. Os piores casos ocorreram no interior do estado e durante as Santas Missões realizadas na cidade.

Palavras-chave: História das religiões. Protestantismo. Antiprotestantismo.

ABSTRACT

The article makes a historical review of the conflicting implantation of Protestantism in Paraíba, at the end of the 19th and beginning of the 20th centuries. With the opening of the ports in 1808 and the agreements signed between the Portuguese Crown and England, there was the possibility of a continuous establishment of Protestants in Brazil. In Paraíba, it was no different from the rest of the country, with the presence of illustrious Protestants in the state being reported, such as José Bates (1825) and Perish Kidder (1839). However, the lasting implantation of a Protestant church in Paraíba only occurred in 1878, through missionary work. The implantation and development of the Protestant church in the state were not smooth, having faced persecution in

¹ Graduado em História pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Especialista em Metodologia do Ensino de História e em História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Mestre em História (2021) pela Universidade Federal da Paraíba. *E-mail:* danielfirino@hotmail.com.

² Doutor em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Adjunto no curso de Ciências da Religião da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). *E-mail:* carlosandrecavalcanti@gmail.com.

several places, from nicknames to murders. The worst cases occurred in the interior of the state and during Holy Missions held in the city.

Keywords: History of religions. Protestantism. Anti-Protestantism.

INTRODUÇÃO

De acordo com Antônio Gouvêa Mendonça (1984), a chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, e a abertura dos portos, foram eventos que proporcionaram aos protestantes a oportunidade de se estabelecerem de forma contínua no país. À época, a Família Real estava fugindo de Portugal devido ao bloqueio continental napoleônico e devido às suas relações comerciais com a Inglaterra. Como resultado dos acordos entre Portugal e Inglaterra, os protestantes foram autorizados a se estabelecerem no Brasil, com relativa liberdade para praticar sua religião.

Nesse cenário, Émile-Guillaume Léonard (1981) destaca que a falta de sacerdotes católicos foi também um dos fatores que favoreceu o estabelecimento do protestantismo no Brasil. Embora isso tenha valorizado o sacerdócio como um cargo proeminente no Estado, a ausência de sacerdotes católicos, sobretudo nos interiores, também enfraqueceu a influência católica nesses lugares, sobretudo no século XIX. Além disso, o liberalismo e o jansenismo eram outros fatores que facilitaram o advento do protestantismo no país. Nesse sentido, devido à estreita ligação de Portugal com a Inglaterra nesse período, os brasileiros começaram a adotar um estilo de vida com influências anglicanas, sobremaneira em relação à religião. Em razão dessa relação diplomática, o clero brasileiro também se tornou mais tolerante ao protestantismo do que os sacerdotes europeus, o que favoreceu a aceitação do protestantismo no Brasil.

É preciso observar que o jansenismo possuía três pontos importantes: “(...) a fomentação de uma piedade austera, o culto das sagradas escrituras e a independência em relação a Roma” (LÉONARD, 1981, p. 38). Mesmo o jansenismo sendo proibido por Roma, no Brasil essa corrente encontrou adeptos e chegou a dominar o clero. Por ser contrário às ideias que apregoavam a

centralização da autoridade em Roma³, o jansenismo retardou o processo de romanização⁴ no Brasil.

Conforme Léonard (1981), as duas primeiras capelas protestantes foram estabelecidas no Rio de Janeiro e pertenciam a colônias estrangeiras. A primeira, a dos anglo-saxões, foi criada no último ano do regime português, em 1822, e a segunda, a dos alemães, em 1837. Elas eram uma extensão do *Tratado de Aliança e Amizade entre Portugal e Inglaterra*, assinado em 1810, que garantia ao público britânico possuir templos em terras portuguesas, embora seu exterior não pudesse aparentar ser um templo.

Nesse contexto, a Conferência Anual dos Metodistas Americanos⁵ no Tennessee, ocorrida em 1835, decidiu enviar o reverendo Fountain Elliot Pitts⁶ à América do Sul, a fim de estudar a possibilidade de iniciar o trabalho missionário nessa região. Ao passar pelo Brasil, Pitts organizou uma sociedade metodista no Rio de Janeiro entre os anglo-saxões e, em 1836, ele retornou aos Estados Unidos e aconselhou o envio de missionários. Como resultado desse estudo de campo, foram enviados para o Brasil os Reverendos Justin Spaulding (1836) e Daniel Parish Kidder⁷ (1837), esse último acompanhado de sua respectiva esposa. Spaulding fundou uma escola para crianças brasileiras e estrangeiras, enquanto Kidder dedicou-se à difusão da Bíblia. Devido à falta de recursos e pelo fato da esposa de Kidder ter adoecido por causa do clima, os missionários retornaram ao país de origem.

3 As ideias que centralizava o poder em Roma ficaram conhecidas como Ultramontanas. “O ultramontanismo, do século XIX, caracteriza-se, entre outras coisas, pela concentração do poder em Roma, o que consequentemente deixava a igreja local com menor autonomia. No Brasil, o crescimento das ideias ultramontanas foi lento, porém contou com o apoio das ordens religiosas dos Lazaristas, dos capuchinhos e dos Jesuítas” (VASCONCELOS, 2005, p. 42).

4 A romanização, para Sousa Júnior (2015), tinha como objetivo implantar os cânones da reforma tridentina no Brasil. Ela lançou as bases para uma maior centralização e consolidação do poder clerical em Roma.

5 A grande maioria dos missionários enviados para o Brasil eram americanos. Isso ocorreu principalmente no último terço do século XIX, devido ao “sentimento nacional expansionista combinado com motivos teológicos. O desejo de salvar os ‘pagãos’ da danação eterna originava-se no espírito da teologia dos avivalismos que enfatizava a conversão instantânea e o consequente redirecionamento da vida para a obtenção da perfeição. Para muitos a pregação da salvação era urgente; devia ser feita antes da segunda vinda de Cristo, do milênio portanto” (MENDONÇA, 1984, p. 57). Alguns missionários também chegavam a acreditar que o avanço dos interesses políticos e econômicos norte-americanos beneficiariam a todos.

⁶ Fountain Elliot Pitts (1808-1874) foi pastor e missionário metodista do sul dos Estados Unidos. Ele foi enviado em 1835 para América do Sul para sondar o território para ver a possibilidade de iniciar o trabalho missionário nesse lugar. Ele esteve no Rio de Janeiro (Brasil), Buenos Aires (Argentina) e em Montevideu (Uruguai).

⁷ Daniel Parish Kidder (1815-1891) foi um missionário metodista norte-americano. Ele viajou por diversas partes do Brasil na primeira do século XIX com o objetivo de propagar a fé protestante.

Na década de 1850, as sociedades bíblicas inglesa e norte-americana fizeram o pastor presbiteriano James Cooley Fletcher⁸ seu representante no Brasil. Fletcher atuou fortemente na distribuição de bíblias e, através de sua influência, no dia 10 de maio de 1855 chegou ao Rio de Janeiro o missionário Robert Reid Kalley⁹ que tinha como objetivo iniciar um trabalho sistemático de propaganda que resultaria, mais tarde, na construção da primeira igreja protestante do Brasil.

O trabalho de Kalley resultou no batismo de Pedro Nolasco de Andrade, no dia 11 de junho de 1858, sendo este o primeiro brasileiro dos tempos modernos a pertencer a uma igreja protestante. O dia do batismo também é considerado como o dia da fundação da Igreja Evangélica, que mais tarde seria a chamada de Igreja Evangélica Fluminense.

Na década de 1860, o protestantismo

estava não apenas presente em todas as camadas sociais, mas garantia essa presença com alta plasticidade de adaptação ao meio. Ao batizar brasileiros, os missionários protestantes revelaram, como visto, uma lacuna jurídica: não havia previsão nem direitos para brasileiros que não fossem católicos. Uma ameaça para a segurança da missão logo detectada. Era necessário criar um ambiente para que isso fosse mudado (SILVA, 2020, p. 180).

Em 1861, um passo importante para a conquista dos protestantes acerca de seus direitos foi tomado: a regularização dos casamentos. “O registro de nascimento e o de casamento se constituíam como a entrada e a posse para a vida civil (SILVA, 2020). A constituição vigente não autorizava os não-católicos contraírem casamentos, registrarem os filhos e ou realizarem os sepultamentos dos seus mortos. Como forma de mudar isso, no dia 8 de outubro de 1859 foi criado um projeto para reconhecer os casamentos realizados em igrejas evangélicas.

8 James Cooley Fletcher (1823 -1901) foi pastor e missionário norte-americano. Ele atuou vários anos no Brasil como missionário e foi amigo de várias pessoas influentes chegando a ter acesso livre ao palácio do imperial.

9 Robert Reid Kalley (1809-1888) era médico e pastor escocês. Ele trabalhou em Portugal, na Ilha da Madeira, como missionário, mas a forte perseguição fez com que ele fugisse para os Estados Unidos. Lá ele soube da necessidade de missionários protestantes para serem enviados ao Brasil. Ele chegou ao Rio de Janeiro no dia 10 de maio de 1855 e tempos depois organizou a primeira igreja protestante no Brasil.

No dia 11 de setembro de 1861, o projeto foi promulgado, mas teria que esperar o Decreto de número 3.069 de 17 de abril de 1863, que regularizava o casamento das *religiões toleradas* (religiões admitidas pelo Estado) para ter seus direitos garantidos. Esse mesmo decreto estabeleceu que os nascimentos e sepultamentos deveriam ser registrados no cartório de paz e que os cemitérios públicos teriam um *lugar separado* para as suas sepulturas.

No início de setembro de 1863, Kalley foi ordenado pastor pela sua comunidade, a qual foi nomeada de Igreja Evangélica Fluminense. Esse ato foi registrado na Secretaria do Império no dia 23 de outubro no mesmo ano. Os esforços de Kalley não só fundaram a primeira Igreja Protestante do Brasil como também asseguraram o respeito das autoridades e reconhecimento das suas atividades civis e religiosas.

No dia 12 de outubro de 1859, o Reverendo Ashbel Green Simonton¹⁰ desembarcou no Rio de Janeiro. Ele havia sido enviado pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e, como não conhecia a língua, sua primeira atividade foi servir de capelão entre os anglo-saxões da capital do país. No ano seguinte, recebeu o auxílio de sua irmã e de seu cunhado nos trabalhos missionários.

De dezembro de 1860 a março de 1861, Simonton distribuiu Bíblias e viajou entre as colônias dos anglo-saxões e dos alemães. De acordo com Léonard (1981), no dia 19 de maio de 1861, ele começou a pregar em português em uma sala na Rua do Ouvidor e, no dia 12 de janeiro de 1862, ele batizou seus primeiros convertidos. A constituição oficial da Igreja Presbiteriana no Rio de Janeiro deu-se no dia 15 de maio de 1863, alguns meses antes da igreja de Kalley, mas isso foi só formalidade.

A partir de então, os missionários presbiterianos dividiram-se buscando expandir seus trabalhos para São Paulo. Simonton continuou na sede da missão no Rio de Janeiro enquanto seu cunhado, Blackford¹¹, mudou-se para São

10 Ashbel Green Simonton (1833 - 1867) foi pastor presbiteriano e missionário norte-americano. Ele fundou a primeira Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro (1862) e do Brasil, criou o Jornal Imprensa Evangélica (1864), organizou o presbitério do Rio de Janeiro (1865) e fundou o Cemitério Primitivo (1867). Faleceu ainda muito jovem aos 34 anos. “Entre a chegada de Simonton (1859) e o fim do Império (1889), os presbiterianos já tinham mais de cinquenta igrejas, quatro presbitérios (unidades regionais eclesásticas), um seminário para preparar pastores nacionais, dois colégios e diversos periódicos” (MENDONÇA, 1984, p. 24).

¹¹ Alexander Latimer Blackford (1829 – 1890) foi missionário norte-americano, pastor, professor e editor do Jornal Imprensa Evangélica. Era cunhado de Simonton e o auxiliou no trabalho missionário no Rio de

Paulo. A comunidade protestante de São Paulo era pequena e era composta, na sua maioria, por estrangeiros, porém o cenário engrandeceu devido os esforços de José Manoel da Conceição¹².

Conceição foi visitado por Blackford, quem o procurou devido à alcunha de *padre protestante*. Blackford o converteu e o batizou no dia 23 de outubro de 1864 e, desde então, Conceição auxiliou os missionários no evangelismo em Brotas, São Paulo, onde havia sido a sua última paróquia. O trabalho missionário neste lugar gerou a formação do primeiro núcleo protestante verdadeiramente brasileiro, o qual se tornou, junto com a igreja do Rio de Janeiro, as duas maiores igrejas protestantes do Brasil.

Após a morte de Conceição (1873), uma pessoa muito importante uniu-se ao presbiterianismo: Miguel Vieira Ferreira¹³. Ele pertencia a uma família muito importante na sociedade tradicional, repleta de políticos, advogados e juízes do Maranhão, e tornou-se um dos principais propagandistas do protestantismo no Brasil, utilizando-se de toda a sua influência para isso. Devido a discordâncias teológicas, Ferreira rompeu com a Igreja Presbiteriana e fundou, no dia 11 de setembro de 1879, a Igreja Evangélica Brasileira.

Várias igrejas protestantes enviaram missionários para o Brasil. Elas instalaram-se ao lado da congregacionalista Igreja Fluminense e da primeira Missão Presbiteriana. As mais importantes foram: “Missão Metodista Episcopal, em 1870, a missão presbiteriana dos Estados Unidos do Sul, em 1871, a Missão Batista, em 1881, a Missão Episcopal, em 1890, sem esquecer ainda a ‘Help for Brasil’, congregacionalista, 1893” (LÉONARD, 1981, p.74). Ainda em 1893, foram enviados os primeiros missionários adventistas ao Brasil, de acordo com Michelson Borges (2020).

As três primeiras dessas novas missões estavam ligadas à Guerra de

Janeiro. Ele também implantou o presbiterianismo em São Paulo sendo a igreja organizada em 5 março de 1865.

12 José Manuel da Conceição (1822 – 1873) era um ex-padre católico romano que foi convertido ao presbiterianismo por Blackford. Ele tornou-se o primeiro brasileiro ordenado a pastor, mas nunca teve uma igreja fixa dedicando-se apenas ao evangelismo. De acordo com Leonard (1981), ele faleceu no final de 1873 em uma enfermaria militar a caminho de se encontrar com Blackford nas imediações do Rio de Janeiro.

13 Miguel Vieira Ferreira (1837-1895) era abolicionista, republicano, matemático, engenheiro e jornalista. Vinha de uma família muito importante do Maranhão e utilizou toda a sua influência para propagar o presbiterianismo. Contudo, depois de um tempo abandonou o presbiterianismo e fundou a Igreja Evangélica Brasileira.

Secessão¹⁴. O impacto da guerra fez com que muitos americanos, principalmente do sul dos Estados Unidos, imigrassem para o Brasil. Variadas famílias se fixaram em Santa Barbara do Oeste, São Paulo, onde existe um Cemitério Confederado, constituindo a espacialidade de famílias metodistas, presbiterianas e batistas. Dentre essas famílias estavam alguns pastores que, até 1870, organizaram três capelas que pertenciam às três denominações já citadas. Nesse cenário, as igrejas do Sul dos Estados Unidos também começaram a enviar missionários para o Brasil. Com o passar do tempo, os estrangeiros foram sendo substituídos por brasileiros, sobretudo quando as igrejas protestantes brasileiras ficaram independentes das igrejas mães, sediadas em outros países.

Com a Proclamação da República (1889) o protestantismo estava livre das restrições referentes à evangelização e, desta forma, poderia expandir-se livremente. Essa expansão é perceptível ao olharmos os censos de 1890 e 1950. Em 1890, a primeira vez que os protestantes foram considerados no recenseamento, existiam cerca de 143,743 protestantes no Brasil e em 1950, último ano de recorte temporal deste trabalho, havia 1.741.430 (IBGE, 2020), o que denota um aumento de mais de dez vezes no período de sessenta anos.

1. OS PRIMÓRDIOS DO PROTESTANTISMO NA PARAÍBA

Como o protestantismo é muito diverso e como ainda existem muitas lacunas historiográficas, serão trabalhadas nessa seção apenas as principais igrejas que se instalaram no território paraibano. De acordo Alvarez Jorge Ribeiro (2003), a Igreja Reformada Holandesa chegou à Paraíba em 1634, e foi, possivelmente, a primeira igreja protestante do estado que chegou a ter dois templos, um no forte de Cabedelo, e outra na capital do estado. Cabe dizer que, naquela época, a capital da Paraíba foi chamada de Frederica, devido à invasão holandesa, por homenagem ao chefe do Estado holandês, Frederich Heinrich.

Um dos primeiros paraibanos a se tornar protestante foi Pedro Poti (1608 - 1652), indígena potiguara que foi para Holanda em 1625. Lá ele tornou-se

14 A guerra de secessão ou guerra civil Americana (1861-1865) foi travada nos Estados Unidos entre o Norte e o Sul do país e tinha como causa, entre outros motivos, a controvérsia da escravidão.

protestante e retornou ao estado em 1631, e durante o período holandês, chegou a ser Regedor dos Índios da Paraíba. No dia 19 de fevereiro de 1649, Pedro Poti foi preso pelas tropas portuguesas e enviado para Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco, onde foi torturado por não negar a fé protestante, de acordo com Ribeiro (2003). Ele foi morto, em 1652, em um navio que o levava preso para Lisboa.

Em 1810, como resultado dos acordos entre a coroa portuguesa e a Inglaterra, agentes protestantes retornaram para a Paraíba. Desta forma, temos o relato, nesse mesmo ano, do protestante Henry Koster¹⁵ que viajou para vários lugares do Nordeste, incluindo a Paraíba. José Bates, um dos fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia, também esteve algumas vezes na Paraíba trabalhando como capitão do seu navio em 1825. A Paraíba também foi visitada por um dos primeiros missionários protestantes do país, Daniel Perish Kidder, em julho de 1839, quem passou por Tambaú, Cabo Branco e subiu pelo Rio Paraíba. Ele chegou a distribuir panfletos e a presenciar a festa católica de Nossa Senhora Neves, no dia 5 de agosto daquele ano, na qual ele ficou horrorizado com o que achou que era “idolatria”.

Seguindo o decreto de número 3.069 de 17 de abril de 1863 do império, que regularizava o registro de casamento, nascimento e óbito das *religiões toleradas*, foi criado um espaço separado no Cemitério Senhor da Boa Sentença, na capital paraibana, para enterrar os protestantes. Uma das pessoas enterradas nessa parte foi o inglês Ricardo Rogers, que era dono das terras que formam hoje o Bairro do Roger, em João Pessoa. Em seu registro de óbito consta a seguinte informação: “(...) faleceu de moléstia interior o adulto Ricardo Rogers, brasileiro, morador dessa freguesia. Seu cadáver foi sepultado segundo o rito protestante na área destinada aos dissidentes no cemitério público desta cidade” (CAVALCANTI, 1883, p. 133).

Em 1875 foram enviados à Paraíba os colportores, missionários de sustento próprio que vendiam literatura, por uma Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, e converteram algumas pessoas por lá. Já em 1877, ocorreram

15 Henry Koster (1784-1820) possuía pais ingleses, mas havia nascido em Lisboa, Portugal. Devido a problemas de saúde em 1809 veio morar em Pernambuco onde se tornou senhor de engenho e viajou para diversas partes do Nordeste brasileiro. Em 1815, ele foi à Inglaterra onde publicou um livro sobre as suas viagens retornando à Pernambuco em 1817 e falecendo no início de 1820.

pequenas reuniões para o estudo da Bíblia na casa de alguns convertidos. O primeiro trabalho missionário, que resultou na implantação duradoura de uma igreja protestante Paraíba, aconteceu em 1878. Alguns leigos da igreja presbiteriana realizaram uma evangelização e convidaram o Reverendo John Smith¹⁶ que estava trabalhando em Recife, Pernambuco, desde 1873.

A evangelização aconteceu no Teatro Santa Cruz, na capital paraibana, e o evento formou um grupo ligado à Igreja Presbiteriana. Entre 1880 e 1884, as reuniões desse pequeno grupo de protestantes eram realizadas em uma casa na Rua da Areia, 21. A igreja foi oficialmente organizada no dia 21 de dezembro de 1884, em uma casa na Rua da Ponte. Em 1896 o Teatro Santa Cruz foi comprado pela Igreja Presbiteriana, sendo o primeiro culto realizado no dia 12 de abril do mesmo ano.

No ano de 1900, essa igreja chegou a ter 120 membros e eles iniciaram os esforços para se expandir no interior do estado. Alguns lugares que tiveram presença protestante nesse período foram: “Lucena, Mandacaru, Cachetu, Engenho do Tabu, Santa Rita, Usina São João e no sertão, em Barra de Santa Rosa” (VASCONCELOS, 2005, p. 38). Como em outras partes do Brasil, os protestantes criaram escolas que, de acordo com Mendonça (1984), serviam de estratégias indiretas do evangelismo.

Em 1938, a Igreja Presbiteriana tinha o seu templo sede na Praça 1817 e estabeleceu filiais em Jaguaribe, na Avenida Vera Cruz, na Povoação Índio Piragibe, na Avenida Redenção, na Torrelândia, na Avenida 3 de maio e uma na cidade de Santa Rita (VIDA *et al*, 1938). Alguns anos depois, em 1948, mais duas Igrejas Presbiterianas foram fundadas na Paraíba: Igreja Cristã Presbiteriana de Betel e a Igreja Cristã Presbiteriana de Imburainha (ANÚNCIOS..., 1948). Ambas foram organizadas segundo a constituição das Igrejas Presbiterianas do Brasil.

Já em 1949, surgiu a Igreja Presbiteriana Testemunhas de Cristo

16 John Rockwell Smith (1846- 1918) foi um missionário da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos. Nasceu em Lexington, Kentucky, estudou na Universidade da Virgínia, Charlottesville, e formou-se em Teologia pelo seminário Union (1868-1871), Virginia. Foi licenciado ao presbitério em 1871 e ordenado em dezembro de 1872. Chegou em Pernambuco no dia 15 de janeiro de 1873 onde trabalhou como missionário e educador chegando a organizar a Igreja Presbiteriana no Recife no dia 11 de agosto de 1878. Ele foi um dos principais missionário protestantes do Nordeste e por isso recebeu a alcunha de Simonton do Norte (MATOS, 2018).

(IGREJA..., 1949), que, diferente das demais citadas anteriormente, se separou da Igreja Presbiteriana do Brasil tornando-se independente. A sua primeira reunião foi no dia 27 de março de 1949, na casa de um dos seus presbíteros na Praça João Pessoa. Em 1950, as reuniões foram mudadas para Avenida Camilo de Holanda, 500 (IGREJA..., 1950).

A história da Igreja Batista na Paraíba também está ligada com a região de Pernambuco. Em abril de 1886, foi organizada a primeira Igreja Batista em Recife, contudo, devido a várias dificuldades, ela foi reorganizada em 1893. Com o objetivo de expandir-se para outras localidades do Nordeste, na virada de 1900 para 1901, foi organizada a convenção União Batista Leão do Norte. Foi a partir desse levante que surgiu a Igreja Batista na capital paraibana.

Os primeiros batistas da Paraíba começaram a se reunir na Rua Capitão José Pessoa, Jaguaribe, e com o tempo conseguiram reunir um grupo de cerca de cem pessoas que construíram um templo na Rua Índio Piragibe que foi inaugurado no dia 19 de janeiro de 1914. Por volta 1938, foi fundado através dos batistas da capital, o seu primeiro colégio. Nesse ano, já existiam duas Igrejas Batistas em João Pessoa: a Primeira Igreja Batista localizada na Rua Índio Piragibe, 142 (VIDA..., 1938) e a Segunda Igreja Batista que continuava na Rua Capitão José Pessoa, 379 (VIDA..., 1937). Além das Igrejas Presbiterianas e Batistas, em 1940, João Pessoa também já tinha a Igreja Assembleia de Deus na rua 1º de Maio, Jaguaribe (VIDA..., 1940) e a Igreja Adventista do Sétimo Dia, na Rua Artur Aquiles, 111.

De acordo com Daniel da Silva Firino (2021), a Igreja Adventista também iniciou os trabalhos missionários na Paraíba no início do século XX. Em 1911 forma-se o primeiro grupo de adventistas do estado em Píripituba, também havia presença adventista em Cabaceiras, São José das Pombas (atual Parari), São José dos Cordeiros (1921), Moreno (atual Solânea, 1921), Baixa Verde (Queimadas, 1925), Campina Grande (1935), São Tomé (atual Sumé, 1936), João Pessoa (1937), Gravatá de Mulungu (1937), Pombal (1937), Serra Branca (1939), Cabedelo (1940), Catolé do Rocha (1943), São Bento (1945) e Natuba (1948).

De acordo com Epaminondas Câmara (1988), o protestantismo chegou a Campina Grande em 1912. A Igreja Evangélica estava localizada na Rua do

Açude Novo e o seu pastor era Sinfrônio Costa. Em 1920, o templo foi inaugurado e já possuía trinta membros. A Igreja Batista instalou-se em Campina Grande dois anos depois (1922) na Rua Silvestre e o seu Pastor era Augusto Santiago. No dia 8 de janeiro de 1924, a Igreja Assembleia de Deus foi fundada na Rua da Areia. Igreja Evangélica Congregacional foi inaugurada no dia 30 de junho de 1927 na Rua Treze de Maio. Isso ocorreu com a chegada do pastor João Clímaco Ximenes¹⁷ e ela possuía noventa membros e uma Escola Dominical com cento e cinquenta alunos.

No início de década de 1930, um grupo de membros da Igreja Evangélica Congregacional deixou as suas terras em Itabaiana, não se tem registro de quando se iniciou o protestantismo nessa cidade, e instalou-se na Avenida Cruz das Armas, João Pessoa, 733. O grupo cresceu sendo organizada oficialmente como igreja no dia 16 de junho de 1932 e em 1944 contava com Grêmio Eclesiástico Auxiliadora Feminina (VIDA..., 1944).

2. O ANTIPROTESTANTISMO NA PARAÍBA

Com o início das atividades do presbiterianismo na Paraíba, no final do século XIX, também começaram as perseguições contra seus fiéis. Segundo Ribeiro (2003), no dia 20 de fevereiro de 1881, o subdelegado de Itabaiana impediu que realizassem um culto na Vila de Pilar. Já no dia 19 de setembro de 1894, o Padre Manoel Mariano havia escrito um artigo para o jornal *A União* em que chamava as doutrinas protestantes de *veneno herético do libidinoso Lutero* e conclamava os católicos a combater o protestantismo.

Diante do avanço do protestantismo na Paraíba no início do século XX, o bispo Dom Adauto de Miranda Henriques¹⁸ utilizou-se com frequência do Jornal

¹⁷ João Climaco Ximenes (1895-1963) nasceu em Sirinhaém, Pernambuco, e converteu-se aos quinze anos a Igreja Batista, mas depois filiou-se a Igreja Evangélica Congregacional. Ele foi ordenado em 1927 assumindo a Igreja Evangélica Congregacional em 30 de junho do mesmo ano e eleito pastor efetivo no ano seguinte (SYLVESTRE, 2014).

¹⁸ Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, nasceu em 30 de agosto de 1855, em Areia, cidade localizada no brejo paraibano. Estudou filosofia no Seminário de São Suplício, em Issy, Paris/França e Teologia no Colégio Pio Latino Americano, Roma / Itália, ascendendo ao presbiterado em 18 de setembro de 1880, em Loreto, Itália. Foi nomeado Bispo em 02 de janeiro de 1894 e ordenado em 07 de janeiro do mesmo ano na capela do Cardeal Lucio Maria Parochi, Bispo de Albano, e assistido pelos exmos. Srs Dom Luís Canestrari, Bispo de Termes e Dom Augusto Berluca, Bispo de Heliópolis, todos designados pelo Santo Padre Leão XIII. Em 04 de março do mesmo ano tomou posse da Arquidiocese da Paraíba. Sua

A *Imprensa* (1897-1963) para combatê-lo. As igrejas protestantes foram representadas¹⁹ como filhas ilegítimas da Igreja Católica, as quais supostamente pregavam heresias que eram frutos de paixões mal contidas, de despeitos e de invejas (SOUSA JÚNIOR, 2015, p. 111).

O jornal *A Imprensa* tinha um enfoque especial nos protestantes que se converteram ao catolicismo, relatando as dificuldades que alguns países protestantes enfrentavam em relação a essa religião. No entanto, o jornal afirmava que os católicos deveriam amar os protestantes, mas repudiar o protestantismo. Apesar disso, a publicação retratava os protestantes como infiéis, hereges, desonestos, traidores e outros adjetivos pejorativos, o que apresentava uma contradição, pois incentivava os católicos a desprezar os protestantes. Além disso, a Igreja Católica na Paraíba aconselhava os seus fiéis a não terem contato com os protestantes para evitarem de cair nos mesmos erros. Também eram realizadas todas as segundas-feiras, às 19:30 da noite, na Igreja de São Bento, lições doutrinárias para esclarecimentos de ponto de fé católica (HOMENS..., 1947), caso alguém tivessem dúvidas suscitadas pelo protestantismo.

Ademais, o jornal católico *A Imprensa* publicou artigos que ensinavam como prevenir ou resistir à propaganda protestante (ROSSI, 1947). Esses artigos recomendavam que, para resistir ao protestantismo, seria necessário fornecer instrução religiosa, promover a vida religiosa na paróquia, alertar os fiéis sobre a tentativa dos apóstatas de seduzi-los para sua causa, e evitar a leitura de escritos e Bíblias protestantes, não participar de suas conferências e não educar os filhos em seus colégios. Através das missas, do jornal *A Imprensa* e de outras formas, o clero católico paraibano tentava desqualificar o protestantismo e imputando-lhes “todo tipo de punições sejam terrenas ou celestiais, despertando

administração religiosa na Paraíba foi de 1894 a 1935, entre Bispo e Arcebispo, cujo lema era *Iter Para Tutum*, ou seja, *prepara o caminho seguro* (SOUSA JUNIOR, 2015, p.159).

¹⁹ De acordo com Chatier (2002), mais do que um conceito de mentalidades, ela [a representação] permite articular três modalidades da relação com o mundo social; em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que irão fazer reconhecer uma identidade social exibir uma maneira própria de estar no mundo, significa, simbolicamente, em estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns “representantes” (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou comunidade (CHARTIER, 2002, p. 23).

em boa parte da sociedade paraibana da época um temor, uma ojeriza e distanciamento de tudo que se relacionava ao protestantismo” (SOUSA JÚNIOR, 2015, p. 114).

Uma das principais estratégias utilizadas para combater o protestantismo era associar o protestantismo com algo que a sociedade odiava ou temia. Era comum o protestantismo ser associado ao nazismo (OS PROTESTANTES..., 1937) e ao comunismo. No primeiro era dito que alguns protestantes haviam se tornado instrumentos do nazismo e abandonado alguns dos princípios cristãos e até a sua base de *somente a Bíblia* estava sendo deixado de lado. Os protestantes teriam colégios e seminários que eram “verdadeiras células ‘nazistas’ destinadas a criar e manter o espírito hitlerista nos jovens teuto brasileiros” (O SEMINÁRIO..., 1938, p. 8).

No segundo, era referente a ligação com o comunismo. O comunismo, teria o objetivo de impor a massa sobre a pessoa, todo sobre o indivíduo, e teria nascido através de Lutero (LUTERO..., 1947), pois os princípios protestantes estariam mais próximos do comunismo do que do catolicismo “(...) e através do ódio que nutriam pela Santa Sé eles se entendiam” (QUEM..., 1941). Martinho Lutero era visto como um apóstata que causou muitos males que afligiam a humanidade causando quatro séculos de desordem. Ele quis encontrar a cura para seus complexos através da destruição da Igreja Católica e da doutrina de Cristo e isso causou a anarquia no campo da ética e da ordem social da vida religiosa. Lutero havia preparado o mundo para o liberalismo e suas funestas consequências para o mundo moderno. Desta forma, toda exaltação contra a comunidade e a sociedade, “a anarquia de normas, o desprezo aos valores tradicionais, a destruição da autoridade sobre o indivíduo tem sua origem na base de vida de Martinho Lutero” (LUTERO..., 1947, p. 6).

Era transmitida uma imagem de um protestantismo decadente em outros países, principalmente na América do Norte (NEGROMONTE, 1942). De acordo com essa propaganda de desqualificação, essa situação era resultado da insuficiência espiritual da doutrina evangélica, já que havia supostamente muitas doutrinas evangélicas, mas nenhuma delas conseguia suprir as necessidades espirituais dos fiéis, e da incapacidade apostólica dos pastores, que supostamente não possuíam fé, convicções, ideais, vida espiritual e a chama

missionária. Além disso, afirmava-se que as igrejas estavam fechando as portas por não se preocuparem com a revolução industrial, e que seus púlpitos viviam de negações, em que se difamava a Igreja Católica e o Papa.

De modo geral, o protestantismo não era visto como uma religião pelos católicos, mas era compreendido como uma “desagregação e a mais triste desorientação jamais narrada pela história religiosa de todos os tempos” (PALLARES, 1947, p. 6). Segundo essa perspectiva, o protestantismo não poderia se apresentar como religião de Cristo por ser uma verdadeira *confusão babilônica* que possuiria interesses pseudo-religiosos.

Como uma forma de combater as séries evangelísticas que as igrejas protestantes faziam, foram publicados no jornal *A Imprensa* alguns artigos intitulados de *Evangelismo?* Nesses artigos, os protestantes eram chamados de *crentes* que acreditavam que somente eles seguiam as práticas do evangelho sendo os católicos os “antievangélicos”. Não obstante, para João Felix de Medeiros²⁰ (1947a), apenas a Igreja Católica poderia se chamar de evangélica, pois os protestantes tinham práticas que iam contra o evangelho como o divórcio e do homem ter até setenta mulheres. Para ele, só havia uma única maneira de ser evangélico que seria seguir a Igreja Católica, pois apenas a ela havia sido confiado o evangelho e por ela pregado através de vinte séculos.

O primeiro artigo foi publicado em 7 de fevereiro de 1947, e para combater as séries evangelística de Guarabira, o padre João Felix publicou no dia 11 de maio outro artigo com o mesmo título (ALMEIDA, 1947). Nele, o padre acusou os pastores protestantes de se aproveitarem da ignorância da massa para conseguir adeptos. O terceiro artigo intitulado de *Evangelismo* foi publicado no dia 10 de julho de 1947, e foi resultado de uma pequena polêmica antiprotestante que foi causada pelo artigo anterior. Do lado católico estava o Padre João Felix de Medeiros e do lado protestante estava o professor Antônio Sales da Silva, que era conhecido em Guarabira como professor Sales. Infelizmente, só foi possível encontrar a versão católica, mas o que foi encontrado já é de grande importância para compreendermos esse fato.

20 João Felix de Medeiros (1912-1984) nasceu em Esperança, Paraíba. Entrou no seminário em 1932 e ascendeu ao presbiterato em 1943. Foi capelão das Dorotéias (1944), em Alagoa Grande, e vigários de diversas paróquias (SANTOS; VELÔSO, 2010).

O artigo trazia a resposta de Medeiros ao professor Sales. João Felix Medeiros (1947b) dizia que recebeu de um amigo um exemplar do Jornal *O Rebate* de Campina Grande. Nele, havia um artigo intitulado *Repelindo Ataques* de “um cidadão sem responsabilidade”, ou seja, um cidadão que fazia afirmações irresponsáveis e infundadas sobre a igreja Católica, chamado de Professor Antônio Sales, o qual queria provar *falsidades*. Para Medeiros, o professor ou não havia entendido o artigo ou se fazia de desentendido.

Em suas contrarresposta, Medeiros trabalhou dois pontos do artigo de Sales que versaram acerca das acusações de Salles sobre os livros deuterocanônicos, os livros que a Bíblia católica possui a mais do que a protestante, e sobre a adoração de imagens. Medeiros argumentou que Sales não entendia o que estava falando e que deveria voltar a ser criança para fazer a catequese e conhecer mais sobre o catolicismo.

O embate entre o padre João Felix de Medeiros e Antônio Sales foram além dos artigos intitulados de evangelismo. No artigo *Incoerências Protestantes* (MEDEIROS, 1948), Medeiros discorreu sobre um artigo de Sales no jornal *O Norte Cristão* em que o católico denunciou as seitas heréticas dentro do protestantismo. Dentre elas estavam as Igreja Adventistas do Sétimo Dia, Testemunhas de Jeová, e os Mórmons, que se denominavam protestantes, mas se assemelhavam a “(...) feiticeiros, macumbeiros, assassinos de todas as espécies de ladrões, adúlteros, beberrões e anarquistas que vivem rezando, confessando-se e ingerindo a hóstia eucarística na Igreja Romana” (MEDEIROS, 1948, p. 6). O padre, utilizando-se um tom irônico, diz que todas deveriam ser consideradas protestantes ou evangélicas, pois usavam o livre exame como todos os outros protestantes.

Outras propagandas católicas da época, a fim de demonstrarem a superioridade da Igreja Católica, alegavam que ela era fundada por Jesus e bem mais antiga que o protestantismo (A SEMENTE..., 1949). Além disso, eram escritos muitos artigos trazendo a conversão de um protestante (UMA..., 1939), de pessoas importantes (CONVERTE-SE..., 1941), de famílias inteiras (EM SERRA..., 1937), de protestantes que se tornaram sacerdotes (DOIS..., 1948) e até de pastores (QUEM..., 1941). Havia textos que argumentavam que muitos protestantes haviam encontrado a igreja verdadeira de Jesus, a católica, e,

portanto, abandonaram o protestantismo. Isso também servia para se contrapor aos padres e fiéis que haviam se convertido ao protestantismo e cujos relatos eram utilizados para servir de inspiração e para atrair mais pessoas das igrejas evangélicas.

Dizia-se também que os protestantes eram hereges (O PROTESTANTISMO..., 1937) e inimigos da Bíblia (QUAIS..., 1949), buscavam o extermínio do catolicismo (QUEM..., 1941) e faziam acusações infundadas (ATAÍDE, 1937). Utilizando-se disso, faziam comparações entre o catolicismo e o protestantismo representando-se com características positivas e os outros de formas negativas. Desta forma, normalizavam a sociedade no sentido de se mostrar como o modelo a ser seguido e outros deveriam ser combatidos, conforme Silva (2008).

O antiprottestantismo nem sempre ficava na esfera do discurso. Em alguns momentos, ele passava para a esfera física, o que incluía desde agressões até assassinatos. Na Paraíba, as situações mais sérias aconteceram quando as Santas Missões²¹ passavam pela cidade, muitas delas com a presença de Frei Damião²². A primeira situação violenta contra o protestantismo que se tem registrada ocorreu em 1932, na cidade de Alagoa Grande, após um pequeno debate do frade Damião com Isnau Barbosa de Andrade, uma jovem evangélica de dezesseis anos.

A jovem estava de férias da escola Agnes Eriskyne, Colégio Presbiteriano

²¹ Conforme Souza (2011), não se sabe ao certo quando se iniciaram as Santas Missões, contudo ela está presente na comunidade cristã desde os tempos mais remotos. As Santas Missões eram realizadas no Brasil desde o período colonial pelos dominicanos, redentoristas, capuchinhos e lazaristas que em sua maioria eram estrangeiros. No Nordeste do país, os padres seculares se destacaram nesse campo. Para Ferreira (2016), as Santas Missões serviam para a manutenção da unidade religiosa sendo realizadas através das visitas. Uma das principais características das Santas Missões era a pregação no momento de instrução que não se apegava demais as obrigações litúrgicas e possuíam linguagem de fácil acesso. Elas não faziam parte da estrutura política e eclesiástica, o que lhe dava liberdade para agir e adaptar-se de acordo com a necessidade de cada localidade. Mesmo com as variações regionais, ela “possuía três frentes distintas: a instrução religiosa que serve de instrumento preventivo contra as heresias, o combate aos prazeres da carne e aos vícios e finalmente a dimensão conciliatória que evita os conflituosos, concilia os desafetos como condição indispensável para a aproximação dos sacramentos” (SOUZA, 2011, p. 32).

²² Pio Giannotti (1898-1997), mais conhecido como Frei Damião de Bozzano, nasceu em Bozzano, na Itália, no dia 5 de novembro de 1898. Ingressou na Ordem dos Capuchinhos aos 16 anos de idade. Mesmo sendo seminarista, teve de lutar por seu país na Primeira Guerra mundial. Ordenado aos vinte e cinco anos em Roma, passou a chamar-se Frei Damião. Em 1925, diplomou-se em Teologia dogmática, Filosofia e Direito Canônico pela Universidade Gregoriana de Roma. Foi professor e diretor do convento de Massa, na capital italiana. Oito anos depois da ordenação, em 1931, chegou ao Brasil, fixando-se no Recife, cidade que seria a base de suas peregrinações (SYLVESTRE, 2014, p. 52).

no Recife, e seu tio, católico, conseguiu marcar o encontro entre ela e frei Damião. Conforme Sylvestre (2014), durante o debate, Frei Damião chamou Isnau de “bode do Diabo” e disse que ela iria para o inferno; depois, ele saiu da casa rezando em voz alta. Desse momento em diante, iniciou-se uma série de perseguições aos protestantes de Alagoa Grande. Na mesma noite, o frei aconselhou os católicos a não comprarem e nem venderem aos *bodes* e pediu que juntassem os impressos protestantes para serem queimados. Ao fazer esses pedidos, o incentivo a ações violentas tornou-se uma das práticas de frei Damião em todos os lugares por onde passava.

O pai da jovem protestante envolvida na querela era comerciante e, depois do episódio, não conseguiu mais vender o suficiente na região para a sobrevivência de sua família, e, então, mudou-se, em 1935, para Patos. Os problemas não foram apenas no comércio, pois ao saírem de casa, eles eram xingados e ouviam jovens fazendo o som de bodes. Algum tempo depois, o frei também passou por Patos, iniciando novamente as perseguições contra a família de Isnau Barbosa de Andrade, a qual se mudou para Natal, Rio Grande do Norte.

Por onde passava, Frei Damião convocava pastores para debates públicos, contudo devido à grande quantidade de católicos que se aglomeravam no local, muitos recusavam ou não compareciam. Ao fazerem isso, eles eram rechaçados e ridicularizados, sendo chamados de covardes, e os que ousavam ir, muitas vezes não conseguiam falar, pois a multidão gritava e vaiava na sua vez de fala. Um debate público que teve grande repercussão foi o de Frei Damião com Reverendo Sinésio Lyra²³, um dos pastores da Igreja Evangélica Congregacional. O debate ocorreu em abril de 1935, em Campina Grande, em um cinema chamado *Rink Park*, e tinha como mediadores Vergniaud Wanderley, chefe de polícia do estado, Hortênsio de Souza Ribeiro, advogado, e Orris Barbosa, jornalista da capital.

O tema do debate foi a *transubstanciação à luz das sagradas escrituras*. A discussão sobre o assunto não parou em Campina Grande. Os dois continuaram a discussão através da imprensa: enquanto Frei Damião publicava no jornal A

23 Synésio Artiliano Pereira Lyra (1895-1993) nasceu em Timbaúba, Pernambuco, converteu-se a Igreja Evangélica, em 1915, e foi batizado, em 1919, na Igreja Evangélica do Monte Alegre. Em 1921, matriculou-se no Instituto Ebenézer, onde cursou o seminário sendo ordenado a ministro e eleito co-pastor da Igreja Evangélica Pernambucana, em 1925, onde exerceu a função até 1938 (SYLVESTRE, 2014).

Imprensa, de João Pessoa, o reverendo publicava no *Diário da Manhã* de Recife, Pernambuco. O embate parou quando frei Damião publicou que não mais responderia devido à falta de tempo causada pela grande quantidade de viagens.

Frei Damião era acompanhado pela multidão que, em alguns casos, causavam depredação e ataques aos templos protestantes. De acordo com Soares (1996), um desses casos ocorreu em 1937, na cidade de Guarabira, Paraíba, durante as Santas Missões realizadas pelo Frei Damião. A Igreja Evangélica Congregacional, que estava sendo inaugurada, foi cercada e apedrejada por cerca de três horas e algumas pessoas ficaram machucadas.

As perseguições nem sempre tinham Frei Damião a sua frente. Segundo Sylvestre (2014), era comum os padres e fiéis católicos das mais diversas cidades perseguirem os protestantes. Um exemplo disso foi o que aconteceu em Catolé do Rocha, Paraíba, onde vivia o comerciante José Dorotéia, que foi perseguido pelos padres da paróquia da cidade, na década de 1930. De acordo com Bruno César Cordeiro de Araújo (2020), em Catolé do Rocha, e nas suas redondezas, aconteceu um dos conflitos mais violentos da História do Protestantismo do Brasil entre as décadas de 1930 e 1940.

Conforme Araújo (2020), desde o início do protestantismo na cidade (1926 – 1928), a religião cresceu livremente sem ter problemas com o clero romano. O padre dessa época, Luiz Gomes Vieira, era uma pessoa tolerante que não gostava de nenhuma perseguição, porém, com a sua saída da paróquia de Catolé do Rocha, houve uma sequência de vigários²⁴ fortemente contrários a fé evangélica. Os párocos que tiveram os maiores embates com o protestantismo no Sertão Paraibano entre os anos de 1930 e 1940 foram o monsenhor Constantino Vieira da Costa, o padre Manoel Otaviano e o Padre Joaquim de Assis.

Assim que o monsenhor Constantino Vieira chegou à cidade, ele deu ciência aos seus paroquianos de que “(...) aos protestantes, nós católicos, não damos morada, não compramos, não vendemos coisa alguma, nem permitimos

²⁴ Os vigários que assumiram a paróquia de Catolé do Rocha durante os anos de conflito foram “o padre Luiz Gomes Vieira, de 1923 a 1928; o monsenhor Constantino Vieira da Costa, de 1929 a 1932; o padre Manoel Otaviano, que vai do período de 1932 a 1934; o padre Francisco Lopes, de 1934 a 1936; o padre Belisário Dantas, que fica na paróquia entre os meses de fevereiro a dezembro de 1936; o Padre Joaquim de Assis, que foi o protagonista do período mais crítico dos conflitos com os protestantes, em 1938 a 1939, e seu paroquiado durou de 1936 a 1942; o Padre Américo Maia, de 1942 a 1945” (ARAÚJO, 2020, p. 87).

a ele o fornecimento de água” (FIGUEIREDO, 2016, p.23). A perseguição era tanta que os protestantes foram privados de algo extremamente importante para sobrevivência: a água. Os proprietários de açudes ou de outros reservatórios pararam de fornecer água aos protestantes, sendo Hercílio Maia, um fazendeiro da cidade, quem impediu que eles morressem de sede (SYLVESTRE, 2014).

José Doroteia Dutra era um comerciante protestante que sofreu com a intolerância religiosa em várias cidades do Sertão paraibano inclusive em Catolé do Rocha. O padre Manoel Otaviano de Moura Lima²⁵, padre que assumiu após o monsenhor Constantino Vieira, chegou a ficar em frente ao comércio de Dorotéia, dizendo aos seus fiéis que não comprassem dele senão seriam amaldiçoados. Além disso, fiéis católicos tentaram envenenar a água de Doroteia. Devido às perseguições, que se intensificavam com as Santas Missões, Dorotéia mudou-se diversas vezes, mas sempre voltava para Catolé do Rocha.

O padre Octaviano, da mesma forma que o frei Damião, convocava pastores para debates públicos e, muitas vezes, eles não apareciam devido à falta de garantias quanto à sua integridade física. As perseguições em Catolé do Rocha foram tão intensas que, em 1938, causou a destruição do templo da Igreja Evangélica Congregacional e houve uma tentativa de assassinato do reverendo Josué Alves de Oliveira²⁶. Na semana que ocorreu esse conflito, o pastor local, reverendo Lindônio Almeida, estava realizando uma série de conferências na igreja que ficava na principal praça da cidade, próxima a paróquia de Nossa Senhora dos Remédios e da residência do padre Joaquim de Assis Ferreira. Para ser o preletor foi chamado o reverendo Josué Alves de Oliveira e os temas foram sobre idolatria.

Nessa ocasião, os católicos da cidade se sentiram ofendidos e começaram a surgir rumores de que um confronto poderia estourar a qualquer momento. A liderança da Igreja Congregacional suspendeu a conferência do sábado e agendaram um ensaio de hinos para o culto público que ocorreria no domingo.

²⁵ Manoel Otaviano de Moura Lima assumiu a gestão da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios no dia 17 de abril de 1932 e permaneceu nela até 24 de fevereiro de 1934. De acordo com Araújo (2020), com a chegada do padre Manoel Otaviano, os conflitos se aprofundaram.

²⁶ Josué Alves de Oliveira (1912-1999) nasceu em vitória de Santo Antão, Pernambuco. Ele cursou o seminário no Instituto Bíblico do Recife sendo ordenado a pastor e assumindo a Igreja Evangélica Congregacional de Caruaru, Pernambuco.

Porém, essas medidas não foram o suficiente para impedir o confronto que aconteceu no dia 18 de junho de 1938. Oliveira descreve a destruição da igreja da seguinte forma:

[...] quando estávamos ensaiando, ouviu-se a gritaria de uma multidão enfurecida que invadia o templo! A primeira ação deles foi desligar a chave de luz. Aí começou o quebra-quebra! Eles entraram armados de facão martelo, foice, barras de ferro, pés-de-cabra e, especialmente, molas de automóvel. Quebraram tudo o que havia no templo: o púlpito, a mesa, o órgão, os bancos, as cadeiras, relógio de parede, as portas, enfim tudo o que puderam destruir (OLIVEIRA, 1987, p. 112).

Oliveira conseguiu fugir do templo com a ajuda do pastor na congregação local. Ele ficou escondido na casa do pai até o dia seguinte, quando um fazendeiro da região se disponibilizou a retirá-lo da cidade durante a noite. A massa enfurecida foi ao sítio Cajazeirinhas, que ficava a cerca de 12 km de distância da sede do município, e destruíram completamente o templo congregacional que estava em fase de acabamento. Depois disso, a multidão seguiu para Brejo dos Cavalos, atual Brejo dos Santos, Paraíba, onde destruíram outra igreja.

Nos dias seguintes ao ataque em Catolé do Rocha e em Brejo dos Cavalos, os protestantes foram ameaçados e xingados. Por mais de um ano, praticamente, não houve reuniões protestantes nas duas cidades, contudo, em Brejo dos Cavalos, os protestantes tentaram reconstruir o templo, mas novamente ele foi destruído no dia 31 de maio de 1939 após uma novena. Nesse dia, várias pessoas agrediram o presbítero da igreja, José Alves da Silva, deixando-o quase morto. Ele veio a falecer alguns meses depois devido à gravidade dos ferimentos.

José Alves não foi o único protestante a morrer por motivo de intolerância. Outro caso foi o de Severino Amaro, que foi morto com tiros de rifle, no dia 15 de agosto de 1940, enquanto voltava para casa nas proximidades de Cuité. Os tiros também atingiram um umbuzeiro que ficou com as marcas das balas e, a partir de então, o local ficou conhecido como o Umbuzeiro do Crente. Os responsáveis, tanto pela morte de José Alves quanto de Severino Amaro, nunca foram presos e os processos se perderam na morosidade da justiça.

Essa situação só parou quando o interventor Ruy Carneiro²⁷, que tomou posse em 1940, indicou Manoel Emídio de Souza (1943), um adventista do sétimo dia, para ser prefeito da cidade. Conforme Araújo (2020), a escolha não foi pacífica, pois houve protestos e articulações de lideranças católicas para retirar a sua indicação ao cargo, todavia o nome foi mantido. Então as perseguições cessaram e os protestantes que haviam fugido da cidade, voltaram.

Conforme Sylvestre (2014), outras cidades da Paraíba que também tiveram fortes perseguições e destruições de templos foram João Pessoa, Taperoá, Alagoa Nova, Cuité, Barra de Santa Rosa, e Patos. Essa última, também foi causada durante as Santas Missões de Frei Damião, em 1958, e resultou no ataque à Igreja Evangélica Congregacional, à Primeira Igreja Batista, à Congregação Presbiteriana e à Primeira Igreja Pentecostal. A Congregacional foi a menos afetada, por ser localizada bem no centro da cidade. De acordo com Firino (2021), além das citadas por ele, também teve a depredação do templo e a agressão física que sofreram os membros e o pastor adventista em Queimadas em 1940.

O conflito religioso de Patos é considerado o último grande ato de perseguição ao protestantismo na Paraíba e por isso convém ser trabalhado aqui. A tensão entre os protestantes e católicos em Patos começou em setembro de 1957, com a criação da paróquia de Santo Antônio, tendo como pároco o padre Manoel Dutra. A situação foi piorando até que em maio, mês mariano, o padre, junto com um grupo de católicos, apedrejou a casa da protestante Maria Madalena, na Rua da Baixa, bem como as igrejas evangélicas da cidade.

De acordo com Sylvestre (2014), o padre passou a falar todos os dias no alto falante que não sobriam protestantes na cidade depois que Frei Damião passasse por ela. A discriminação também ocorreu contra as crianças. Os filhos dos protestantes que estudavam no único colégio da cidade, Colégio Diocesano, sofreram sérias afrontas como apelidos e perseguições variadas, tanto pelos alunos quanto pelos professores.

27 Rui Carneiro (1906-1977) era formado em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, Pernambuco, e em jornalismo. Ele chegou a dirigir o jornal *Correio da Manhã* e durante a era Vargas trabalhou com José Américo e foi indicado por Getúlio Vargas para ser o interventor da Paraíba.

O auge do conflito começou no dia 27 de junho, enquanto ocorriam, ao mesmo tempo, as Santas Missões e um culto da Igreja Batista. Como de costume, os batistas colocaram um alto falante para fora da igreja para que todos que estavam fora pudessem ouvir o sermão. Sentindo incomodados, alguns católicos, que participavam das Santas Missões com Frei Damião, pediram para que o alto falante fosse desligado, mas o pastor não obedeceu. Então, o padre Dutra com alguns católicos, tentou invadir o templo a força, mas foi impedido pelo delegado que o segurou pelo braço.

No dia seguinte, 28 de junho, véspera do dia de São Pedro, foi colocado um alto falante na Igreja Católica Matriz onde foram feitos comentários antiprotestantes e se formou uma multidão que se dirigiu ao templo presbiteriano, o qual foi completamente queimado, e a Igreja Batista foi apedrejada enquanto uma turba gritava “viva Frei Damião!”, ‘viva a santa Igreja Católica’, ‘viva Maria mãe de Deus’ e ‘abaixo os protestantes” (SYLVESTRE, 2014, p. 175).

As pessoas da multidão levaram consigo tições fumegantes, pedras e cassetetes. Os bancos e os equipamentos da Igreja Batista foram empilhados fora da igreja e queimados. Dois homens também tentaram jogar o filho menor de uma protestante na fogueira, mas foram impedidos. No dia seguinte ainda conseguiram realizar o culto na Igreja Congregacional, mas as demais igrejas protestantes não puderam devido ao estado que os templos se encontravam. A ordem da cidade só foi estabelecida semanas depois do ocorrido. Na parede que restou em pé do templo presbiteriano, foram escritos: “vão embora, bodes”; ‘pegue a reta, bode’; fora bode pastô (sic); ‘onde está escondido o pastor desta igreja?’ [...]; ‘a maior fogueira foi na igreja presbiteriana’; [...] ‘salve Maria, faleceu sábado às oito horas da noite a Igreja Presbiteriana, morta pela Católica” (SYLVESTRE, 2014, p. 178).

Os jornais *Correio da Paraíba*, *A União* e *O Norte Evangélico* divulgaram por semanas os acontecimentos e foram lugares de disputa entre padres e pastores onde cada um contou a sua versão. Dias depois estiveram na cidade “o governador, o secretário do Interior e Justiça, Dr Abelardo Jurema, e o Chefe de Polícia. A eles se juntaram os deputados José Cavalcanti e José Gayoso e um dos principais líderes políticos da região, o Dr. Darcylío Wanderley” (SYLVESTRE, 2014, p. 178). Eles fizeram várias reuniões com os padres e os

pastores da cidade até conseguirem apaziguar a situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o protestantismo tenha iniciado na capital da Paraíba, sua expansão foi mais significativa no interior do estado, onde a presença do clero católico era menor. Nesse contexto, igrejas como as Presbiterianas, Batistas, Congregacionais, Pentecostais e Adventistas do Sétimo Dia ganharam força na região. No entanto, sua implantação não foi fácil, já que a Igreja Católica, estabelecida há muito tempo na área, não aceitou a chegada dessas igrejas em seu território e passou a persegui-las.

Através do jornal *A Imprensa*, os protestantes foram representados de forma negativa, enquanto os *católicos* eram retratados de maneira positiva, numa tentativa de reafirmar a posição da Igreja Católica na sociedade e manter sua predominância. No entanto, havia contradições no discurso católico, pois embora o jornal afirmasse que os católicos deveriam amar os protestantes e odiar o protestantismo, os fiéis eram incitados a desprezar os protestantes, muitas vezes acusando-os de comportamentos ilícitos.

Em alguns momentos, a perseguição aos protestantes ultrapassava o discurso e se manifestava fisicamente, através de ataques a igrejas e membros, resultando em destruição de templos e assassinatos. Durante as Santas Missões, por exemplo, os fiéis eram aconselhados a não ter contato com os protestantes, o que muitas vezes resultava em privação de água e outros recursos essenciais, forçando os protestantes a se mudarem para outras cidades em busca de uma vida mais digna. Essa situação de perseguição e hostilidade persistiu até o último grande conflito entre católicos e protestantes na Paraíba, ocorrido em Patos em 1950, quando três igrejas protestantes foram depredadas, causando grande repercussão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João Felix. Evangelismo. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. L, n. 89, p. 6, 11 maio, 1947.

ANUNCIOS Diversos. **A União**. João Pessoa, ano. LVI, n. 167, p.4, 28 de jul., 1948.

ARAÚJO, Bruno César Cordeiro de. Embates da fé: conflitos religiosos entre congregacionais e católicos no sertão da Paraíba (1930-1940). in: dissertação (mestrado em Ciência das Religiões), Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2020.

ATAÍDE, Tristão. O literalismo bíblico. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XXXIX, n. 20, p. 5, 28 jan., 1937.

A SEMENTE do individualismo. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. LI, n. 52, p.4, 20 mar. 1949.

BORGES, Michelson. **A chegada do Adventismo ao Brasil: histórias de fé coragem e dedicação**. 3. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2020.

CÂMARA, Epaminondas. **Datas e notas campinenses**. Campina Grande: Edições Caravela, 1988.

CAVALCANTI, Francisco de Paula Mello. **Subsérie óbitos** (Paróquia Nossa Senhora das Neves), livro 6, pagina 133 verso, sob o número 158, 1883. In: Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese da Paraíba.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. Ed, Miraflores: Difel, 2002.

CONVERTE-SE ao catolicismo o celebre pastor Niemoeller. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. XLIII, n. 171. p. 3, 29 jun. 1941.

DOIS protestantes conversos abraçam o sacerdócio. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. LI, n. 169, p. 6, 28 ago., 1948.

EM SERRA redonda toda uma família protestante se converte ao catolicismo. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XXXIX, n. 23, 31 jan., p. 6, 1937.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Igreja e Romanização: A implantação da diocese da Paraíba (1894-1910)**. João Pessoa: Editora UFPB, 2016.

FIGUEIREDO, M. G. **Catolé do Rocha, berço da Evangelização no Alto Sertão da Paraíba**. Cajazeiras: Editora e Gráfica Real, 2016.

FIRINO, Daniel da Silva. **Reconfiguração Religiosa da Paraíba (1911-1950): A Presença Adventista**. in: dissertação (mestrado em História), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística**. Disponível em

<<https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP60&t=populacao-religiao-populacao-presente-residente>> Acesso em 26 de ago. de 2020.

HOMENS de formação. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. LI, n. 162, p. 6, 6 set., 1947.

IGREJA presbiteriana testemunhas de cristo. **A União**. João Pessoa, ano. LVII, n. 75, p.7-8, 2 abr., 1949.

IGREJA presbiteriana testemunhas de cristo. **A União**. João Pessoa, ano. LVIII, n. 174, p. 4, 2 abr., 1950.

LÉONARD, Emile G. **O protestantismo brasileiro**: estudo da eclesiologia e história social. 2. Ed. Rio de Janeiro: JUERP/ ASTER, 1981.

LUTERO, o liberalismo e o comunismo. **A Imprensa**. João Pessoa, ano L, n. 11, p. 6, 16 de jan. 1947.

MATOS, Alderi de S. A Vida do Rev. John Rockwell Smith. **Agreste Presbiteriano**. 2018. Disponível em: <<https://agrestepresbiteriano.com.br/vida-do-rev-john-rockwell-smith/>> Acesso em: 29 de set. 2020.

MEDEIROS, João Felix. Evangelismo? **A Imprensa**. João Pessoa, ano L, n. 23, p. 6, 7 fev. 1947a.

MEDEIROS, João Felix. Evangelismo?. **A Imprensa**. João Pessoa, ano L, n. 119, p. 6, 10 de jul. 1947b.

MEDEIROS, João Felix. A Incoerência Protestante. **A Imprensa**. João Pessoa, ano LI, n. 146, p. 6, 23 de jul. 1948.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

NEGROMONTE, A. Protestantismo decadente. **A imprensa**. João Pessoa, ano XLIV, n. 85, p. 4, 18 abr., 1942.

OLIVEIRA, Josué Alves. *Vocação e Projeção*. Santos: A Tribuna dos Santos – Jornal e Editora LTDA, 1987.

OS PROTESTANTES e o nazismo. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XXXIX, n. 39, p. 3, 21 fev., 1937.

O PROTESTANTISMO, o divórcio e o casamento de Eduardo VIII. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XXXIX, n. 17, p. 3, 23 jan., 1937.

O SEMINÁRIO protestante do Rio G. Do Sul era um fóco de nazismo. **A Imprensa**. João Pessoa, ano XLI, n. 190, p. 8, 18 set., 1938.

PALLARES, Salvador Castro. A tragédia do protestantismo. **A Imprensa**. João Pessoa, v. LI, n. 229, p. 6, 11 dez., 1947.

QUAIS os inimigos da Bíblia?, **A Imprensa**. João Pessoa, v. LI, n. 243, p. 6, 30 de dez., 1949.

QUEM não é por mim é contra mim. **A Imprensa**. João Pessoa, v. XLIII, n. 6, p. 3, 9 jan. 1941.

RIBEIRO, Alvarez Jorge O. **História da Igreja Presbiteriana da Paraíba**. João Pessoa: Editora Fenix, 2003.

ROSSI, Agnélio. Como prevenir ou resistir à propaganda protestante. **A Imprensa**. João Pessoa, v. LI, n. 186, p. 6, 16 out., 1947.

SANTOS, Ednaldo Araújo dos; VELÔSO, Ricardo Grisi. **O ano sacerdotal e o clero da arquidiocese da Paraíba**. João Pessoa: A União, 2010.

SILVA, Edjaelson Pedro da. **Súditos e Protestantes: O impacto da propaganda protestante no sistema jurídico do Brasil Império (1835-1889)**. In: Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SOARES, Caleb. **Januário Antônio dos pés Formosos**. Campinas: Luz para o Caminho, 1996.

SOUSA JUNIOR, José Pereira. **Estado laico, igreja romanizada na Paraíba republicana: relações políticas e religiosas (1890 – 1930)**. in: dissertação (mestrado em história), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SOUZA, Valdemir de França. **De volta para o Passado?** Uma análise crítica da reproposição das “Santas Missões Santas Missões populares” no século XXI. In: Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2011.

SYLVESTRE, Josué. **Fatos e personagens de perseguição a evangélicos: Antes que as marcas se apaguem**. Curitiba: Editora Mensagem, 2014.

UMA conversão impressionante. **A Imprensa**. João Pessoa, ano. XLI, n. 20, p. 4, 29 jan., 1939.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **Os novas-seitas: a presença protestante na perspectiva da literatura de cordel-Pernambuco e Paraíba (1893-1936)**. In: Dissertação (Mestrado em História) - Programa de pós-graduação em

História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano XLV, n. 152, p. 5, 12 jun., 1937.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano XLVI, n. 130, p.2, 12 jun., 1938.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano XLVIII, n. 288, p.3, 24 dez., 1940.

VIDA Religiosa. **A União**. João Pessoa, ano LII, n. 207, p. 4, 12 set., 1944.

Recebido em 17 de maio de 2022.

Aprovado para publicação em 02 de janeiro de 2023.